

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



OPHIUSSA REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

Volume 6 - 2022

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

CONSELHO CIENTÍFICO

André Teixeira

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

Grégor Marchand

CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE

João Pedro Bernardes

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal

UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins

UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Mariana Diniz

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Victor S. Gonçalves

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Xavier Terradas Battle

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

SECRETARIADO

André Pereira

CAPA

Desdobramento da decoração do «ídolo» cilíndrico oculado da Herdade da Cariola. Desenho Guida Casella a partir de fotos VSG.

COORDENADOR DAS RECENSÕES E REVISOR DE ESTILO

Francisco B. Gomes

PAGINAÇÃO

TVM Designers

IMPRESSÃO

AGIR – Produções Gráficas

DATA DE IMPRESSÃO

Dezembro de 2022

EDIÇÃO IMPRESSA (PRETO E BRANCO)

300 exemplares

EDIÇÃO DIGITAL (A CORES)www.ophiussa.lettras.ulisboa.pt

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

DEPÓSITO LEGAL 190404/03

A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).



Copyright ©Revista Ophiussa 2022

EDIÇÃO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa 1600-214 Lisboa.

www.uniarq.netwww.ophiussa.lettras.ulisboa.ptuniarq@lettras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996). O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020.

ÍNDICE

Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola) VICTOR S. GONÇALVES	5
<i>Heads & tails: Bell Beakers and the cultural role of Montejunto Mountain (Portugal) during the second half of the 3rd millennium BC</i> ANA CATARINA BASÍLIO	23
O conjunto faunístico do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa, Portugal) no 3.º milénio a.n.e.: entre a <i>antroposfera</i> e a <i>zooesfera</i> FREDERICO AGOSTO	43
The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from the Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal) JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, ELSA LUÍS, CARLOS MENDES, PEDRO VALÉRIO, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, ANTÓNIO M. MONGE SOARES	69
A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo FRANCISCO B. GOMES	85
O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular FLÁVIO IMPERIAL	105
A importação de ânforas do Tipo <i>Urceus</i> em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES	127
<i>Traianeum de Italica. Campaña arqueológica 2016/2017</i> SEBASTIÁN VARGAS-VÁZQUEZ	143
El asentamiento rural romano de la Venta El Parrao (Alcalá de Guadaíra, España): Nuevos datos arqueológicos LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, SALVADOR ORDÓÑEZ AGULLA	163
A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal) ANA MARGARIDA ARRUDA, MARGARIDA RODRIGUES	187
Os recursos animais no Noroeste da Lusitânia do período republicano à Antiguidade Tardia (Séculos II a.C. - VII d.C.): Uma perspectiva a partir das evidências zooarqueológicas do centro de Portugal PATRÍCIA ALEIXO, GIL VILARINHO	209
Recensões bibliográficas (TEXTOS: FREDERICO AGOSTO, ANA MARGARIDA ARRUDA)	231
<i>In memoriam</i>	243
Política editorial	246
Editorial policy	247

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS



TAVARES DA SILVA, C. – SOARES, J. (coords.), 2021

O Castro de Chibanes na Conquista Romana.

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Associação de Municípios da Região de Setúbal. 403 p. (Setúbal Arqueológica, 20). [ISSN 0872- 3451]

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

<https://doi.org/10.51679/ophiussa.2022.121>

O livro que aqui se comenta incide sobre o Castro de Chibanes, um sítio arqueológico de grande importância, ocupado durante o calcolítico, o final da Idade do Ferro e a época romana-republicana. Localiza-se no concelho de Palmela, implantando-se no topo da Serra do Louro. Organizado e editado por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, os arqueólogos que desde há largos anos aí têm vindo a desenvolver trabalhos, tem uma longa lista de autores (cerca de 20), que incluiu arqueólogos, arqueozoólogos, antropólogos e geneticistas.

O livro divide-se em três grandes blocos: “O sítio, a paisagem e os Ecofactos” (p. 9-102); “A cultura material” (p.103-156); e “Integrar e concluir” (p. 380-399), cada um dos quais com vários capítulos.

O primeiro, a *Introdução*, da autoria de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (p. 11-35), apresenta o sítio. A localização geográfica, a implantação topográfica e a paisagem circundante são abordadas de forma muito exaustiva, tal como o contexto geológico do território envolvente. Os aspectos ecológicos correspondentes aos momentos da sua ocupação basearam-se nos estudos antracológicos realizados sobre macro-restos vegetais carbonizados recolhidos durante os trabalhos de campo (Tereso 2014), e, no que se refere a este aspecto concreto, foram também tidos em consideração os dados do diagrama polínico de Estacada, Lagoa de Albufeira (Queiroz 1985; Queiroz – Mateus 1994), para o enquadramento regional. Deve ainda notar-se que toda esta informação não corresponde a uma mera formalidade, uma vez que foi devidamente valorizada na leitura e interpretação da ocupação humana do Castro de Chibanes ao longo da diacronia.

A história da investigação sobre o sítio é também concretizada neste capítulo. Aqui se referem os trabalhos de prospecção e escavação de António Inácio Marques da Costa (1906; 1908; 1910), mas também o estudo parcial de materiais daqui provenientes, efectuados por investigadores como Manuela Delgado (1971), Manuel Maia (1978), Júlio Roque Carreira (1998) e ainda os contributos dos próprios arqueólogos que escavaram o sítio de forma continuada nos últimos anos, muitas vezes em colaboração com outros colegas (entre outros: Tavares da Silva – Soares 1997; 2014; Detry – Tavares da Silva – Soares 2017; Pereira – Soares – Tavares da Silva 2017; Pimenta *et al.* 2019; Tavares da Silva *et al.* 2019; 2021; Cardoso *et al.* 2021).

As leituras horizontais e estratigráficas decorrentes dos trabalhos de campo levados a efeito entre 1996 e 2017, que permitiram obter dados sobre a sequência ocupacional do sítio e sobre a organização do espaço residencial e das estruturas defensivas, são a base em que assenta toda a construção arqueológica e histórica deste livro. São apresentadas, de forma exaustiva, nos capítulos II e III, *Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana* (p. 27-44) e *Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano* (p. 45-63).

Os restos humanos identificados no Castro de Chibanes em níveis da Idade do Ferro e romano-republicanos, todos pertencentes a indivíduos não adultos, são alvo de estudo detalhado (Ricardo Godinho e Adriana Leite: *Contextos antropológicos do Castro de Chibanes*, p. 65-72), estudo que dá origem a uma importante reflexão de Joaquina Soares e Susana Duarte (*Enterramentos infantis em espaço residencial*, p. 73-76) acerca do tratamento dado às crianças no final do I milénio a.n.e. As inumações infantis em espaços domésticos, sob os solos das habitações, refletem uma realidade que levanta interessantes questões demográficas, sociais e culturais, que não são esquecidas na discussão.

O estudo da fauna mamalógica e malacológica da Idade do Ferro (*O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes*, p. 77-85) completa os dados já publicados em trabalhos anteriores sobre a época republicana, e as análises genéticas efectuadas sobre restos de gado bovino (p. 87-102), elaboradas por uma vasta equipa, oferecem uma visão muito interessante sobre as acções exercidas pelas comunidades romanas recém-chegadas ao território sobre espécies com características genéticas maioritariamente locais.

No segundo bloco de textos (p. 103-375), com 12 capítulos, analisam-se os materiais arqueológicos recuperados no sítio durante os trabalhos de campo, sempre devidamente enquadrados pelo cuidadoso registo de campo, o que permitiu discuti-los em função da sua integração cronológica e cultural, tendo, por outro lado, contribuído, decisivamente, para definir e datar as fases de ocupação.

As diversas categorias cerâmicas são minuciosamente descritas e comentadas, tendo em consideração a sua cronologia intrínseca, mas também a relativa, esta decorrente da sequência estratigráfica do sítio.

As de mesa integram-se em distintas categorias, de acordo com as suas características ao nível da produção, devendo destacar-se as helenísticas, não pelo seu número, que é muito reduzido, mas pelo significado da sua existência no estuário do Sado, que traduz a expansão para ocidente de uma prática de comensalidade eminentemente mediterrânea. De facto, e como é justamente lembrado neste texto de Elisa de Sousa (*As taças helenísticas com decoração a molde*, p. 105-107), as também chamadas “taças megáricas” representam uma quase absoluta novidade no panorama nacional. Trata-se de uma produção tipicamente oriental, inspirada em protótipos metálicos, que se iniciou durante o último quartel do século III a.n.e. A importação para a Península Ibérica ocorreu entre a segunda metade do século II a.C. e os meados do século I a.C., tendo a esmagadora maioria origem em oficinas da costa da Jónia. Até há pouco tempo, a sua existência no Extremo Ocidente era desconhecida. Recentemente, 15 peças desta produção foram identificadas em Monte Molião, que se somaram ao fragmento encontrado em Santarém (Sousa *et al.* 2022).

Para as de tipo Kuass, estudadas pela mesma autora (*A cerâmica tipo Kuass*, p. 109-112), deve destacar-se o facto de, pela primeira vez na região, se ter obtido datação contextual, sendo os fragmentos quase todos integráveis na época republicana, fases IIIA e IIIB, constituindo o prato de peixe recolhido num nível superficial a única excepção.

A cerâmica campaniense (Vincenzo Soria: *Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes*, p. 113-120) foi, porém, a mais utilizada no serviço de mesa, totalizando 238 fragmentos, maioritariamente de produção de Cales, mas com presença significativa de produtos napolitanos, em ambas as fases. A diferença fundamental reside na variedade formal, mais ampla no momento mais antigo, mais limitada no mais recente. Importante é, em alguns vasos, haver claros indícios de reparações.

No estudo da cerâmica de paredes finas (Antónia Coelho-Soares: *Chibanes. Cerâmica de paredes finas*, p. 121-130) seguiu-se uma metodologia “clássica”, que atendeu, sobretudo, às morfologias. O repertório formal não foge ao que é habitual nestas cronologias, devendo, contudo, assinalar-se uma maior diversidade na 2.ª fase da ocupação republicana, quando domina

a forma III de Mayet, que estando também presente na fase anterior, é aí suplantada pela II.

No serviço de mesa, foram ainda utilizados, durante a Idade do Ferro e a época romano-republicana, vasos de cerâmica cinzenta (Elisa de Sousa: *A cerâmica cinzenta*, p. 131-148). Na primeira, as tigelas dominam, como aliás é frequente em todos os sítios proto-históricos do litoral ocidental. As asas horizontais que algumas possuem indicam uma inspiração nos protótipos gregos, realidade que tem paralelos na região, como em Alcácer do Sal (Sousa – Pimenta 2017) e na Lapa do Fumo (Arruda – Cardoso 2013), mas também no estuário do Tejo (Sousa 2016; Sousa – Pimenta 2017). Na época republicana, as tigelas diminuem, facto que foi relacionado com a incorporação dos serviços de mesa itálicos, o que pode também ser proposto para a diminuição dos pequenos potes. Nestas fases mais tardias, as jarras, com ou sem bordo trilobado, são maioritárias, o que é absolutamente inédito, verificando-se, igualmente, um aumento dos vasos de armazenamento.

O estudo que foi realizado para a cerâmica comum (Elisa de Sousa e Teresa Rita Pereira: *A cerâmica comum*, p. 149-228) é o mais extenso da obra, o que decorre, naturalmente, de esta corresponder à categoria mais bem representada no conjunto artefactual, o que determina também a grande diversidade formal e de fabricos. A cerâmica comum de Chibanes incorpora produções a torno e manuais. Saúda-se a definição rigorosa das características físicas das pastas e dos engobes, que serviram para a caracterização dos fabricos e para a elaboração da tipologia. Não posso deixar também de ressaltar o facto de não se terem detectado produções exógenas durante a Idade do Ferro, que só surgem, e em percentagens reduzidas, nas fases romanas, e que correspondem a importações itálicas, onde se incluem os pratos de engobe vermelho pompeiano, mas também da Ulterior, do Guadalquivir e da baía de Cádiz, e do Nordeste. A extensa e detalhada informação fornecida sobre a cerâmica comum de Chibanes é intensamente discutida e interpretada, mas gostaria de insistir aqui na predominância das panelas, forma maioritária em todas as fases.

O conjunto das ânforas (João Pimenta: *As ânforas de Chibanes*, p. 229-278) recuperadas em Chibanes é extenso (374 NMI) e variado, incorporando importações centro mediterrâneas (do norte de África e da

Itália), da Andaluzia ocidental (vale do Guadalquivir e do litoral), de Ibiza e do extremo ocidente. O panorama do consumo de produtos alimentares importados não destoa substancialmente do que é conhecido em outros sítios coevos das Penínsulas de Lisboa e de Setúbal, apesar do reconhecimento da relativa escassez dos tipos Greco-itálicos e Dressel 1. Importante é a presença massiva, nos níveis pré-romanos, de produtos regionais, manifestada nos expressivos números de ânforas fabricadas nos vales do Tejo e do Sado, algumas das quais se prolongam em ambas as fases romanas. Acrescentar dois novos tipos à tipologia elaborada por Elisa de Sousa e João Pimenta (2014) para as produções taganas foi uma excelente opção. Contudo, estes dados, juntamente com outros já divulgados acerca das ânforas de Alcácer do Sal, talvez justifiquem a concretização de uma outra tipologia especificamente para o Sado, agora bem suportada cronologicamente pela própria sequência estratigráfica de Chibanes.

As actividades artesanais e produtivas estão representadas no Castro de Chibanes por materiais cerâmicos e metálicos, tendo sido tratadas em dois capítulos distintos (XV: Teresa Rita Pereira, Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva – *Fiação, tecelagem e costura*, p. 279-292 e XVII: Teresa Rita Pereira – *Os artefactos metálicos*, p. 305-346). A tecelagem está retratada pelos cossoiros, fusos, pesos de tear e agulhas, a agricultura pelas foices e pelas enxadas, a carpintaria pelas enxós, cinzéis, escopros e goivas, a pesca pelos anzóis e pesos de rede, e a metalurgia pela tenaz de ferreiro. Todos estes artefactos foram cuidadosamente descritos e estudados, tendo sempre em consideração os respectivos contextos de recolha e a posição estratigráfica.

O mesmo cuidado foi colocado no estudo dos objectos relacionados com a medicina, com os que revelam actividades comerciais, nomeadamente os componentes de balança (Teresa Rita Pereira: *Os artefactos metálicos*, p. 305-346), com os de adorno (fibulas de bronze) e de toilette (navalhas e pinças depilatórias) e ainda os que se destinavam à escrita (estiletos). Outros hábitos sociais estão explícitos no uso da baixela metálica, o que se compagina com a origem itálica da grande maioria dos habitantes do sítio.

Especial destaque mereceram as armas e outros *militaria*, também tratados no Capítulo XVII (*Os artefactos metálicos*), todos recuperados nos níveis correspondentes às fases de ocupação romano-republicanas.

O número é vasto, 25 e 10, respectivamente, o que não surpreende considerando que se trata de um sítio militar ou militarizado. No grupo das armas, dominam as ofensivas, hasteadas (lanças, *pilum*), empunhadas (punhais e espadas), e propulsadas (dardos e projecteis de funda, como as glandes de chumbo). Entre as defensivas, destacam-se os capacetes (ponteiras) e os escudos (*umbo*). Outros indícios do carácter militar do sítio inscrevem-se no que se costuma chamar de *militaria*, sendo compostos por elementos de cinturão militar, arreios equestres, estacas de acampamento e algemas ou grilhões.

As moedas de prata e de bronze e forradas (Noé Conejo: *Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.*) não abundam (17), não surpreendendo a dominância das cunhagens de Alcácer do Sal, a que se seguem as de Mértola e Córdova e que se somam às escassas emissões de Roma. O facto de Chibanes corresponder a uma ocupação de tipo castrense pode justificar uma circulação monetária relacionada com o uso de moeda por militares, pelo menos na primeira fase. Na segunda, ainda de carácter militar, mas com um expressivo desenvolvimento de actividades artesanais e agrícolas, o número de moedas cresce o que pode traduzir a integração de Chibanes e da região numa de economia monetária, quando se começam a usar moedas nas transações económicas.

Com honrosas excepções, como a de Conímbriga (França 1968; 1969), Freiria (Cardoso 2018) e Mesas do Castelhinho (Estrela 2019), os objectos de adorno não têm merecido uma particular atenção nas publicações referentes a sítios de época romana. Em Chibanes, contudo, mereceram um capítulo específico (Susana Estrela: *Adornos de Chibanes*, p. 357-376), o que se deve salientar, porque estes artefactos, estando aqui devidamente contextualizados, constituem uma sólida base de análise para estudos futuros. Os pendentes de osso, as contas de colar de cornalina e de vidro, e os anéis de bronze e ferro, alguns ainda com a respectiva pedra devidamente incrustada, foram descritos minuciosamente e devidamente relacionados com as fases de ocupação a que correspondem, ambas, de época romana-republicana. E não pode deixar de se sublinhar a importância das associações de materiais reconhecidas, especificamente para as contas de colar de vidro, sobretudo para a oculada.

Apesar de as escavações de Chibanes terem oferecido um estilete de liga de cobre (p. 332) e uma tampa de caixa de selos de osso (p. 358), evidenciando ambos os achados a prática da escrita, a verdade é que esta deverá ter tido como suporte materiais perecíveis. De facto, os textos são inexistentes e as marcas epigráficas escasseiam, resumindo-se a alguns signos gravados sobre pedra e cerâmica (paredes e fundos de recipientes e cossoiros), que são estudados por José Antonio Correa (*Signos epigráficos em Chibanes, Palmela*, p. 293-302). No entanto, não pode deixar de se sublinhar que alguns de estes se integram nos signários paleo-hispânicos (meridionais e levantinos), enquanto outros correspondem já ao alfabeto latino.

O livro encerra com um capítulo final de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (*Integrar e concluir*, p. 379-398) integrado no bloco *Cultura material e sociedade*. Aqui, discutem-se os dados do registo de campo e dos materiais, numa perspectiva integrada e, como dizem os próprios autores, holística. O quadro geral da ocupação do território durante o final da Idade do Ferro é agora mais nítido tendo em consideração os resultados obtidos no Castro de Chibanes. O processo da conquista da fachada litoral ocidental da Península Ibérica pode agora ser discutido de uma forma mais consistente tendo também em consideração as referências dos autores clássicos, como, aliás, os próprios autores concretizam, quando, na esteira de Amílcar Guerra (2004), relacionam o estabelecimento militar de Chibanes com a acção militar do ano de 109 a.n.e. de Quinto Servílio Cepião, fazendo corresponder o sítio com a *Caepiana* das fontes clássicas. No mesmo registo interpretativo, cabem as observações em torno da reconstrução e reorganização do sistema defensivo e do espaço habitacional na primeira metade do século I a.n.e., que foram devidamente conectadas com episódios das guerras sertorianas.

A vocação militar que o sítio adquiriu obrigou também a reflectir sobre como se processaram as relações entre a comunidade indígena pré-existente e os exércitos romanos, insistindo-se na não existência de indicadores de uma ocupação romana pacífica (p. 18). De facto, e como tive oportunidade de escrever há alguns anos (Arruda 2014: 531), não há colonialismos pacifistas e integradores. O carácter violento e opressivo de que a colonização, sempre e em qualquer contexto, se reveste ficou provado em Chibanes, com a destruição

da muralha indígena, o que permite encarar a sua fundação e ocupação na óptica dos “regimes predatórios” (Versluys 2020: 1646–1648; Fernández-Götz – Maschek – Roymans 2020: 1653), defendidos para a fase da conquista e expansionismo romanos. E o “dark side of the Empire” (Fernández-Götz – Maschek – Roymans 2020: 1633) nunca esmoreceu na região, e em outras, mesmo em momentos mais avançados, tendo-se mantido uma política económica predatória, que contraria os pressupostos benéficos da colonização romana, o que, em última análise, possibilita que se inicie o processo de descolonização da “Arqueologia Romana” (*Ibidem*).

Estas e outras questões que o livro suscita, aliadas ao seu carácter multi-disciplinar e ao estudo exaustivo e integrado dos dados recuperados, tornam-no uma obra de referência, de leitura indispensável e obrigatória.

Por fim, deve dizer-se que a publicação e a qualidade desta obra não surpreendem. De facto, a Joaquina Soares e o Carlos Tavares da Silva já nos habituaram a “dar conta” dos dinheiros públicos que são investidos na arqueologia, através de outros livros de carácter monográfico, entre os quais cito, só para dar o exemplo mais recente, “O sítio pré-histórico da Gaspeia e a neolitização do território de Alvalade – Sado” (Setúbal Arqueológica 19, 2020). Mas nunca deixaremos de nos impressionar com a dedicação, o empenho, a qualidade do trabalho, a capacidade para gerir equipas, e esforço de síntese.

Por tudo isto se saúda a publicação deste livro e se felicitam os seus organizadores e os autores.

Bibliografia

- ARRUDA, A. M. (2014) – A Oeste tudo de novo. Novos dados e outros modelos interpretativos para a orientalização do território português. In ARRUDA, A. M. (ed.) – *Fenícios e Púnicos por terra e mar, 2*. (Actas do 6.º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos). Lisboa: 513-535.
- ARRUDA, A. M. – CARDOSO, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20: 731-754.
- CARDOSO, G. (2018) – *Villa romana de Freiria. Estudo Arqueológico*. Cascais.
- CARDOSO, J. L. – SILVA, C. T. – SOARES, J. – MARTINS, F. (2021) – A economia alimentar em Chibanes, Palmela – horizonte campaniforme. *Ophiussa*, 5: 103-129.
- CARREIRA, J. R. (1998) – A ocupação da Pré-história recente do Alto de Chibanes, (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3-4: 123-213.
- COSTA, A. I. M. (1906) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*, S. 1(11): 40-50.
- COSTA, A. I. M. (1908) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idade Eo-metálica (ou do cobre ou bronze primitivos). *O Archeologo Português*, S. 1(13): 270-283.
- COSTA, A. I. M. (1910) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*, S. 1(15): 55-83.
- DELGADO, M. (1971) – Cerâmica campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: 403-420.
- DETRY, C. – SILVA, C. T. – SOARES, J. (2017) – Estudo zoo-arqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20: 113-127.
- ESTRELA, S. (2019) – Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar). In SOARES, J. – PINTO, I. V. – SILVA, C. T. (coord.) – *Do Paleolítico ao Período Romano Republicano. Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Setúbal Arqueológica, 18). Setúbal: 193-214.
- FERNÁNDEZ-GÖTZ, M. – MASCHKE, D. – ROYMANS, N. (2020) – The dark side of the Empire: Roman expansionism between object agency and predatory regime. *Antiquity*, 94: 1630–1639.
- FRANÇA, E. Á. (1968) – Alfinetes de toucado, romanos, de Conímbriga. *Conímbriga*, VII: 1-101.
- FRANÇA, E. Á. (1969) – Anéis, braceletes e brincos de Conímbriga. *Conímbriga*, VIII: 1-73.
- GUERRA, A. (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(2): 217-235.
- MAIA, M. (1978) – Ânforas neo-púnicas do Sul de Portugal. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: 199-207.
- PEREIRA, V. – SOARES, J. – SILVA, C. T. (2017) – Understanding the first Chalcolithic communities of Estremadura: zooarchaeology of Castro de Chibanes. Preliminary results. *Papers from the Institute of Archaeology*, 27(1): 1-11.
- PIMENTA, J. – SILVA, C. T. – SOARES, J. – PEREIRA, T. R. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*, 3: 45-80.
- QUEIROZ, P. F. (1985) – Dados para a história holocénica da região da Lagoa de Albufeira. In *Actas da I reunião do Quaternário Ibérico*, Volume 2. Lisboa: 251-259.
- QUEIROZ, P. F. – MATEUS, J. E. (1994) – Preliminary palynological studies at Lagoa de Albufeira and Lagoa de Melides, Portugal. *Revista de Biologia*, 15: 15-27.
- SILVA, C. T. – SOARES, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*, 6: 33-66.
- SILVA, C. T. – SOARES, J. (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III Milénio B. C. In *Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa* (Setúbal Arqueológica 15). Setúbal: 105-172.
- SILVA, C. T. – SOARES, J. – DUARTE, S. – PEREIRA, T. R. – COELHO-SOARES A. – SORIA, V. (2019) – Castro de Chibanes (Palmela): Trabalhos arqueológicos 2012-2017. In SOARES, J. – PINTO I. V. – SILVA, C. T. (coord.) – *Do Paleolítico ao Período Romano Republicano. Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Setúbal Arqueológica 18). Setúbal: 215-246.

- SILVA, C. T. – SOARES, J. – PIMENTA, J. – DUARTE, S. – COELHO-SOARES A. – PEREIRA, T. R. (2021) – Ocupação do período Romano Republicano dos sectores ocidentais do Castro de Chibanes (Palmela): um balanço. In CARDOSO, G. – NOZES, C. (orgs.) – *O Ager olisiponense e as estruturas de povoamento. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo V*. Lisboa: 143-149.
- SOUSA, E. (2016) – From Greek to Roman Pottery in the Far West. In JAPP, S. – KÖGLER, P. (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: 17-28.
- SOUSA, E. – GOMES, F. – ARRUDA, A. M. – PEREIRA, C. (2022) – Importações orientais de época romana – republicana em Monte Molião. *Archivo Español de Arqueología*, 95: e08.
- SOUSA, E. – PIMENTA, J. (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In MORAIS, R. – FERNÁNDEZ, A. – SOUSA, M. J. (eds.) – *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*, Volume 1 (Monografias Ex Officina Hispana II). Porto: 303-316.
- SOUSA, E. – PIMENTA, J. (2017) – Produções cerâmicas de inspiração grega no Vale do Baixo Tejo. In *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: 887-896.
- TERESO, J. (2014) – Vestígios arqueobotânicos do III milénio cal. B.C. de Chibanes (Palmela, Setúbal). In *Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa* (Setúbal Arqueológica 15). Setúbal: 173-180.
- VERSLUYS, M. J. (2020) – Nothing else to think? *Antiquity*, 94: 1646–1648.

POLÍTICA EDITORIAL

Objectivos

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017), a Revista Ophiussa converte-se numa edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

Periodicidade

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro semestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

Secções da revista

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Os autores / editores que pretendam apresentar uma obra para resenha devem enviar dois exemplares para a direcção da Revista Ophiussa: um para o autor/autora da resenha que será convidado para o efeito e outro para a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aceita-se igualmente a apresentação de propostas de resenhas espontâneas.

Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Processo de avaliação por pares

Os artigos submetidos são sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (double blind peer review).

Todas as submissões (artigos e resenhas) serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os artigos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / double blind peer review (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica.

O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

A lista dos avaliadores será publicada em ciclos de 3 anos, indicada no final da Revista Ophiussa (versão impressa e digital).

Ética na publicação

A Revista Ophiussa segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

Apenas serão publicados artigos originais. Para efeito de detecção de plágio ou duplicidade será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.orkund.com/pt-br/>). Serão rejeitadas práticas como a deformação ou invenção de dados. Os autores têm a responsabilidade de garantir que os trabalhos são originais e inéditos, fruto do consenso de todos os autores e cumprem com a legalidade vigente, dispondo de todas autorizações necessárias. Os artigos que não cumpram com estas normas éticas serão rejeitados.

As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas.

Serão considerados os seguintes princípios éticos:

1) RESPONSABILIDADE

A Revista Ophiussa através dos editores e autores tem a responsabilidade absoluta de aprovação, condenando todas as más práticas da publicação científica.

2) FRAUDE CIENTÍFICA:

A Revista Ophiussa procurará detectar manipulação e falsificação de dados, plágio ou duplicidade, com os mecanismos de detecção adequados.

3) POLÍTICA EDITORIAL E PROCEDIMENTOS

a) Os autores devem ter participado no processo de investigação e do processo de revisão, devendo garantir que os dados incluídos são reais e autênticos e estando obrigados a emitir retracções e correcções de erros de artigos publicados;

b) Os revisores devem efectuar uma revisão objectiva e confidencial e não ter conflitos de interesse (investigação, autores ou financiadores), devendo indicar obras publicadas relevantes que não foram citadas;

c) Na detecção de fraude ou má prática em fase de avaliação deve ser indicada pelos revisores e na fase de pós publicação por qualquer leitor.

d) Em caso de detecção de más práticas em fase de avaliação ou de detecção de artigos publicados previamente, o Conselho Editorial remeterá a ocorrência ao autor estabelecendo um prazo de 7 dias para esclarecimento, sendo posteriormente avaliada pelo Conselho de Redacção. Em fase de pós publicação, o Conselho Editorial poderá arquivar ou determinar a retratação num número seguinte, indicando-se os trâmites prévios.

Política de preservação de arquivos digitais

A revista garante a acessibilidade permanente dos objectos digitais através de cópias de segurança, utilização de DOI, integrando a rede Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), que gera um sistema de arquivo descentralizado.

Relativamente ao auto-arquivo, a revista integra também o Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Política de acesso aberto

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento. A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).

A publicação de textos na Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada em acesso livre.

Para mais informações contactar:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

EDITORIAL POLICY

Objectives

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. After Volume 1 (2017) it became a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Periodicity

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

Journal sections

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

Authors / editors wishing to submit a book for review should send two copies to the direction of Revista Ophiussa: one to the author of the review who will be invited for the purpose and another to the Library of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. Spontaneous proposals are also accepted.

Papers written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

Peer review process

Submitted articles are subject to a double blind peer-review evaluation process.

All submissions (articles and reviews) will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal editing standards. Articles that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by UNIARQ direction and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case, up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The list of reviewers will be published in 3-year cycles, indicated at the end of *Ophiussa* (printed and digital version).

Publication ethics

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

Only original papers will be published. For the purpose of detecting plagiarism or duplicity, the URKUNDU platform (<https://www.orkund.com/pt-br/>) will be used. Practices such as the deformation or invention of data will be rejected. Authors are responsible for ensuring that the works are original and unpublished, the result of the consensus of all authors, and comply with current legality, having all necessary authorizations. Articles that do not comply with these ethical standards will be rejected.

Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published.

The following ethical principles will be considered:

1) RESPONSIBILITY:

Ophiussa through its editors and authors has the absolute responsibility for approval, condemning all bad practices of scientific publication.

2) SCIENTIFIC FRAUD

Ophiussa will seek to detect manipulation and falsification of data, plagiarism or duplicity, with the appropriate detection mechanisms.

3) Editorial policy and procedures:

a) Authors must have participated in the research process and in the review process, and must ensure that the data included is real and authentic and are obliged to issue retractions and corrections of errors of published articles;

b) Reviewers must carry out an objective and confidential review and have no conflicts of interest (research, authors or funders), and must indicate relevant published works that were not cited;

c) In the detection of fraud or malpractice in the evaluation phase, it must be indicated by the reviewers and in the post-publication phase by any reader.

d) In case of detection of bad practices in the evaluation phase or of detection of previously published articles, the Editorial Board will send the occurrence to the author, establishing a period of 7 days for clarification, which will be subsequently evaluated by the Editorial Board. In the post-publication phase, the Editorial Board may file or determine the retraction in a subsequent issue, indicating the previous procedures.

Digital file preservation policy

The journal guarantees the permanent accessibility of digital objects through backup copies and use of DOI, integrating the Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), which generates a decentralized file system.

Regarding the self-archiving, the magazine also includes Sherpa/Romeu (<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Open access policy

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. It follows Creative Commons guidelines (license CC/BY/NC/ND 4.0).

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. It also has a digital version, in color, available in open access.

For more information contact:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola) VICTOR S. GONÇALVES	5
<i>Heads & tails: Bell Beakers and the cultural role of Montejunto Mountain (Portugal) during the second half of the 3rd millennium BC</i> ANA CATARINA BASÍLIO	23
O conjunto faunístico do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa, Portugal) no 3.º milénio a.n.e.: entre a <i>antroposfera</i> e a <i>zoosfera</i> FREDERICO AGOSTO	43
The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from the Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal) JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, ELSA LUÍS, CARLOS MENDES, PEDRO VALÉRIO, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, ANTÓNIO M. MONGE SOARES	69
A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo FRANCISCO B. GOMES	85
O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular FLÁVIO IMPERIAL	105
A importação de ânforas do Tipo <i>Urceus</i> em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES	127
<i>Traianeum de Italica</i> . Campaña arqueológica 2016/2017 SEBASTIÁN VARGAS-VÁZQUEZ	143
El asentamiento rural romano de la Venta El Parrao (Alcalá de Guadaíra, España): Nuevos datos arqueológicos LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, SALVADOR ORDÓÑEZ AGULLA	163
A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal) ANA MARGARIDA ARRUDA, MARGARIDA RODRIGUES	187
Os recursos animais no Noroeste da Lusitânia do período republicano à Antiguidade Tardia (Séculos II a.C. - VII d.C.): Uma perspectiva a partir das evidências zooarqueológicas do centro de Portugal PATRÍCIA ALEIXO, GIL VILARINHO	209
Recensões bibliográficas (TEXTOS: FREDERICO AGOSTO, ANA MARGARIDA ARRUDA)	231
<i>In memoriam</i>	243
Política editorial	246
Editorial policy	247